

Comunicação em Saúde. Falsas percepções: há falta de médicos em Portugal?

Por: José Carlos Fernandes Pereira
Presidente
AAAEDF – Associação dos Antigos Alunos do Externato Delfim Ferreira
jcarlospereira1@gmail.com



A alegada falta de médicos, debatida em Portugal como uma verdade incontestável e um dos “problemas” que afectam o nosso Sistema de Saúde, será uma errónea percepção que a comunicação social difunde e que a opinião pública, sem grande debate crítico, aceita.

Se nos socorrermos da estatística e compararmos a média da UE de 1 médico para 308 habitantes com a média nacional de 1 médico para 328 portugueses, constatamos que, afinal, em Portugal, a falta de médicos não será um verdadeiro problema.

Contudo, notícias recentes dão-nos conta da falta de médicos em urgências de grandes hospitais nacionais!...

Pelo seu lado, o bastonário da Ordem dos Médicos reafirma a falta de médicos em Portugal, defendendo o aumento de vagas nas faculdades de medicina. Para o mais alto responsável do organismo público que regula a profissão médica, o aumento exponencial das entradas anuais será razoável para resolver os problemas do país daqui por dez anos, o tempo da formação de um médico.¹

Será mesmo assim?

O verdadeiro problema, parece residir, não no número absoluto de médicos, mas sim na sua distribuição quantitativa e qualitativa, com demasiados médicos especialistas nos hospitais (60%), bem como insuficientes médicos de família nos cuidados de saúde primários (40%).

A distribuição geográfica também não será a mais adequada, na medida em que a fixação de clínicos nem sempre coincide com as reais necessidades do país, existindo profissionais médicos em muito maior número e proporção por habitante nas grandes cidades e no litoral em detrimento das periferias sobrepovoadas e de regiões do interior.

Relativamente à assiduidade e à exclusividade dos médicos hospitalares, dados do relatório de 2007 da IGAS apontam um nível baixo de assiduidade e um regime de exclusividade próximo dos 50%, com instrumentos de controlo pouco eficazes.

Outras regras instituídas por um estado ainda pouco eficiente parecem também contribuir para a aparente falta de médicos. Com efeito, ainda se mantém em vigor a regra de que um médico, a partir dos 50 anos, deixa de fazer bancos à noite e, aos 55, deixam de fazer urgências. Pelo seu lado, a possibilidade de se pedir reforma antecipada tem sido também motivo para a saída de médicos do SNS.

Factor que não parece marcar de forma significativa é a alegada *fuga para o privado*, já que menos de 1% dos médicos em Portugal trabalham em exclusivo neste sector do sistema de saúde nacional.

¹ In Diário de Notícias, 16/12/2005.

